

## PERSISTEM A RECESSÃO ECONÔMICA E A CRISE POLÍTICA

O ano de 2016 deverá confirmar as previsões dos analistas, principalmente dos economistas da CNC, no sentido de que a recessão econômica iniciada em 2014 e aprofundada em 2015, vai continuar em 2016 e, provavelmente em 2017 e 2018.

A recessão econômica é o resultado necessário da má gestão governamental nos três níveis federativos – União, Estados e Municípios – aliada a uma nítida ação corporativa das forças políticas, que promoveram o “aparelhamento” do Estado, inicialmente na Petrobras, na Eletrobras, no BNDES, na Caixa Econômica e no Banco do Brasil, com o visível propósito de desviar recursos públicos para os ganhos pessoais e das empresas coniventes. O resultado de tudo isso está impresso nos levantamentos da “Lava-Jato”.

O quadro abaixo resume a percepção dos economistas da CNC, indicando a continuidade da queda do PIB nacional em 2016 e provavelmente 2017.

### Projeção do PIB

Itens	Participação Relativa PIB	2015	2016 *	
			Mercado	CNC
Agropecuária	10,7%	1,8%	-2,0%	-1,0%
Indústria	22,7%	-6,2%	-3,5%	-3,5%
Serviços	66,6%	-2,7%	-3,0%	-3,5%
Comércio	10,2%	-8,9%	-6,5%	-6,0%
<b>Total PIB</b>	<b>100,0%</b>	<b>-3,8%</b>	<b>-3,4%</b>	<b>-3,2%</b>
Consumo das famílias	63,4%	-4,0%	-4,4%	-5,0%
Consumo do governo	19,6%	-1,0%	-2,0%	-4,0%
Formação bruta de capital fixo	16,7%	-14,1%	-8,0%	-11,0%
Exportação	13,3%	6,1%	4,4%	0,0%
Importação (-)	13,0%	-14,3%	-10,0%	-20,0%
<b>Total PIB</b>	<b>100,0%</b>	<b>-3,8%</b>	<b>-3,4%</b>	<b>-3,2%</b>

\* Projeções

Fonte: IBGE, BC, Bradesco, CNC

21/11/2016

## BRASIL - ARGENTINA

Empresários do comércio de Brasil e Argentina assinaram, em Buenos Aires, acordo de cooperação que prevê a troca e o compartilhamento de informações, dados, estatísticas, experiências sobre políticas de investimentos, transferência de tecnologia e cooperação econômica como um todo.

A iniciativa foi formalizada durante reunião, em 16 de novembro, entre representantes da Câmara Argentina de Comércio e os presidentes das Federações do Comércio que integraram a missão da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) à Argentina.

Em encontro com a Chanceler da Argentina Susana Malcorra, a delegação de empresários brasileiros, liderada pelo Vice-presidente da CNC Darci Piana, discutiu o avanço na integração dos mercados dos dois países.

## O EFEITO TRUMP

Donald Trump se apresentou na campanha eleitoral dos Estados Unidos, e venceu as eleições, com um discurso radical contra a atual ordem econômica internacional. Ele se deu conta de que a abertura das fronteiras, seja para a importação da mão de obra imigrante, seja para a importação de produtos manufaturados, estava criando problemas para o mercado de trabalho e a indústria norte-americana.

Daí o primeiro posicionamento **arrasador**, de que iria expulsar onze milhões de imigrantes ilegais, impôr pesadas barreiras às importações provenientes do México e da China e abandonar ou rever os tradicionais acordos comerciais. Seria o início de uma guerra comercial, que prejudicaria a todos os países.

Indaga-se, agora, se o Presidente Trump irá cumprir suas ameaçadoras promessas de campanha. Ao que tudo indica, a julgar pelas primeiras nomeações de seu Ministério, parece que não. Até mesmo porque o Congresso e as instituições americanas são muito mais fortes e conservadoras do que os arremedos de um Presidente principiante.

## ATIVIDADES ECONÔMICAS

Aumentaram os calotes das empresas em outubro. Juros altos e escassez do crédito causados pela recessão fizeram a inadimplência crescer 3,9% e atingir o patamar de 2011.

Traço amargo da crise, de julho a setembro, pela primeira vez em quatro anos, a receita líquida das 278 empresas de capital aberto teve queda nominal de 3%, na comparação com o mesmo período do ano passado. Se acrescentada a inflação, a queda real da receita desse grupo de empresas passaria de 10%.

Com as incertezas que estão sendo geradas após a vitória de Trump, o cenário para as empresas endividadas ficou um pouco mais obscuro. A volatilidade no mercado de câmbio e juros paralisa as captações corporativas e pressiona o custo do dinheiro.

Ainda sobre a dificuldade de recuperação da atividade da economia: queda da confiança do consumidor apresentada pela FGV (-3,3%) é a primeira no Governo Temer. Após meses de avanço no otimismo com o futuro, os consumidores recalibraram suas expectativas em novembro.

## *PIB e Investimentos*

Os maus resultados da indústria e do comércio no terceiro trimestre reforçam a ideia de que a economia

braileira vai encolher também nos últimos três meses do ano.

As projeções para o PIB em 2016 voltaram a ficar mais pessimistas, e indicam queda de 3,5%, ante os -3 % anteriores. Para 2017, as estimativas estão próximas de -1%, embora haja algumas previsões de estabilidade. O Ministro da Fazenda afirma que o Brasil voltará a crescer em 2017 (+1,13% é o aumento do PIB em 2017, apontado no Boletim Focus da semana passada).

A redução de 0,78% no IBC-Br/BACEN no trimestre encerrado em setembro, o pior desempenho da série histórica, reforçam as expectativas de que a retomada da atividade será relamente mais lenta.

Diante dessa situação, os economistas consideram que o governo deve adotar visão sistêmica da crise: coordenar uma saída para a dívida das empresas, e ser mais agressivo na política fiscal. É o remédio para a recuperação: o investimento do setor privado.

### ***Indústria***

A sondagem industrial de outubro da CNI mostra que a produção industrial manteve o mesmo desempenho de setembro (45,8 pontos, zona negativa). A capacidade utilizada pela indústria continua baixa.

A Fiesp calcula que com a alta ociosidade o investimento produtivo na indústria caiu à metade este ano (-50,3%) em relação a 2015. De acordo com a FGV, o uso da capacidade instalada da indústria de transformação atingiu 73,7 pontos em outubro, abaixo dos 80,9 da média histórica.

A Petrobrás aumentou em 2,3% a produção total de petróleo e gás no terceiro trimestre (2,87 milhões de barris), mas acumulou prejuízo de R\$

16,5 bilhões no período. Ainda assim, houve geração de caixa com recursos operacionais (R\$ 21,5 bilhões). Foi considerado o melhor resultado trimestral da companhia.

### ***Comércio***

O índice de confiança do empresário do comércio (ICEC) da CNC cresceu 1,2% na passagem de outubro para novembro, e 23,5% em relação a novembro de 2015. Esse resultado positivo não tem o endosso da realidade, porque a expectativa vem se descolando dos resultados da economia real.

O indicador antecedente de vendas do Instituto de Desenvolvimento do Varejo teve queda real de 6,8%, e a previsão da entidade é de um cenário ruim nos próximos três meses.

O setor de serviços teve o pior desempenho desde 2012: -4,9% no volume de receitas em setembro, de acordo com a PMS do IBGE.

Balanços parciais da Black Friday apontam crescimento no volume de vendas e queda no número de reclamações em relação a 2015. Os produtos mais comercializados foram smartphones e celulares (25% das vendas), segundo o levantamento do Ebit. Em seguida, televisões, livros, geladeiras e máquinas de lavar roupa.

A ABComm (Associação Brasileira de Comércio Eletrônico) estima que o faturamento total da Black Friday deste ano vá girar em torno de R\$ 2,1 bilhões, o que representaria um aumento real de 18% em relação ao ano passado.

### ***Agricultura***

Os investimentos globais em novas tecnologias para o setor agrícola, feitos por grandes empresas do agronegócio e fundos de investimento,

giraram entre US\$ 20 bilhões e US\$ 25 bilhões em 2015, apesar de a rentabilidade do setor agropecuário ter recuado 65% em comparação com 2013.

Em virtude de condições climáticas favoráveis na maior parte das regiões produtoras, a colheita nacional de grãos pode ficar entre 210,9 milhões e 215,1 milhões de toneladas, representando, no último caso, um crescimento de 15,6% em relação à safra de 2015/2016.

### ***Mercado de Trabalho***

O Brasil perdeu 74,7 mil postos de trabalho no mês de outubro. Apesar do fechamento de vagas ter continuado forte no mês, o ritmo é menor do que o registrado em 2015.

O País desperdiça mais de um terço da força de trabalho dos jovens. Desempregados, subocupados e disponíveis para trabalhar são 37,1% dos brasileiros de 18 a 24 anos.

### ***Sistema Financeiro***

O saldo total das operações de crédito do sistema financeiro atingiu R\$3.095 bilhões em outubro, declínios de 0,5% no mês e 2% em doze meses. Nas operações com empresas, saldo de R\$1.556 bilhões, as reduções foram de 0,8% no mês e de 6,7% em doze meses, enquanto na carteira com pessoas físicas, R\$1.539 bilhões, -0,2% e +3,3% respectivamente, nos mesmos períodos). A relação crédito/PIB alcançou 50,3%, ante 50,8% em setembro e 53,8% em outubro de 2015.

A taxa média de juros das operações de crédito do sistema financeiro alcançou 33,3% a.a. em outubro, +0,3 p.p.. O *spread* bancário aumentou 0,5 p.p. no mês, e 4,4 p.p. em doze meses, para 23,9% em outubro. A taxa de inadimplência do sistema financeiro referente a atrasos superiores

a noventa dias foi de 3,9% (+0,2 p.p. no mês e +0,7 p.p. em doze meses). Nas operações com famílias, o nível de atrasos permaneceu em 4,2%, enquanto, no crédito às empresas, alcançou 3,6%, com aumento de 0,3 p.p. no mês.

O Banco do Brasil estima economizar R\$ 3,8 bilhões com a reestruturação. Dezoito mil funcionários podem deixar o banco, 379 agências deverão ser fechadas, além de extintas 31 superintendências.

Os desembolsos do BNDES caíram 35% nos dez meses até outubro, para R\$ 68,9 bilhões. Infraestrutura foi o setor com a maior redução na carteira (-51%). Comércio e serviços teve a segunda maior redução (-40%).

O TCU autorizou o BNDES devolver R\$ 100 bilhões ao Tesouro Nacional. Esse dinheiro deve ser destinado ao abatimento da dívida bruta (70,3% do PIB).

### ***Inflação***

A prévia oficial da inflação em novembro ficou em 0,26%. Apesar desse resultado ter sido maior que o do mês de outubro, foi a menor taxa para o mês desde 2007.

Após a eleição de Trump para a presidência dos EUA, a aversão ao risco aumentou no mundo, o que se traduziu em desvalorização do real e alta dos juros mais longos, movimentos que tornam menores as chances de o Banco Central manter-se cauteloso e promover cortes mais expressivos na Selic.

### ***Setor Público***

Em outubro, o setor público consolidado registrou superávit primário de R\$ 39,6 bilhões. No ano, o déficit primário acumulado foi R\$ 45,9 bilhões, ante déficit de R\$ 20 bilhões no mesmo período de 2015. No acumulado

em doze meses, déficit primário foi R\$137,2 bilhões (2,23% do PIB), redução de 0,85 p.p. do PIB em relação ao mês anterior.

A Dívida Bruta do Governo Geral alcançou R\$4.330,5 bilhões em outubro (70,3% do PIB), reduzindo-se 0,4 p.p. do PIB em relação ao mês anterior.

As receitas de repatriação já garantiram o regresso de R\$ 45,8 bilhões aos cofres públicos. Segundo a Receita federal, 21.600 pessoas físicas e 700 empresas aderiram ao programa.

A União aceitou repartir R\$5 bilhões de receitas obtidas com as multas do programa de repatriação. Entre as medidas a que os estados se propuseram, estão o limite de crescimento dos gastos por dez anos, nos moldes da PEC 241, e o aumento em 14% da contribuição de ativos e inativos à previdência federal. Também serão negociadas com o Tesouro outras medidas, como o corte de pelo menos 20% com despesas de comissionados.

### **Setor Externo**

Os EUA cresceram a uma taxa anualizada de 2,9% no terceiro trimestre de 2016, o ritmo mais forte desde meados de 2014. O crescimento do PIB acima do esperado no terceiro trimestre desse ano, reforça a aposta de que os juros podem ser elevados pelo FED em dezembro.

A eleição de Donald Trump à presidência dos EUA trouxe incertezas para o comércio exterior brasileiro, área estratégica para a retomada do crescimento do País. O discurso protecionista de Trump durante a campanha, se implementado, poderá afetar segmentos importantes da balança comercial brasileira como, por exemplo, os de *commodities* agrícolas e metálicas. Algumas apostam vão no sentido do

aumento dos preços das *commodities*, o que incrementaria as receitas de exportação.

Em vez de acabar com o NAFTA, Trump e seus conselheiros parecem prontos para realizar mudanças expressivas no acordo que regula o comércio dos Estados Unidos com o México e o Canadá, uma estratégia que pode ser difícil de negociar e perigosa para a economia regional.

Os EUA estão tentando atrair outros países a endossar uma declaração que, na prática, rejeitaria o status de economia de mercado para a China na OMC. Isso pode ampliar o confronto com Pequim no comércio internacional.

O Presidente da Rússia, Vladimir Putin, declarou que o País adotará medidas preventivas contra países da Otan e poderá disparar mísseis contra alvos que veja como uma ameaça à sua segurança.

Um grupo liderado pela China e pela Índia apresentaram propostas para aprovar o aumento de tarifas para frear importações agrícolas. O Brasil e outros países do Mercosul estarão entre os mais afetados caso as propostas prosperem.